
Mapeamento De Inovação Em Metodologias, Práticas De Aprendizagem E Narrativas Em Grupos Periféricos Da Grande Recife¹

João Paulo de Oliveira RIBEIRO²
Luiz Carlos Pinto da COSTA JÚNIOR³
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com a finalidade de mapear coletivos de cultura periféricos da Região Metropolitana do Recife e o papel da Experiência nos processos de aprendizado e produção de narrativas comunitárias em redes telemáticas. O artigo é, portanto, a expressão momentânea de uma pesquisa em andamento que busca a identificação e análise de referências étnicas, metodológicas e culturais no uso de tecnologias da informação e comunicação como ferramenta para criação das narrativas por três grupos localizados na Grande Recife: Coletivo Fruto de Favela (município de Paulista), Livroteca Brincante do Pina (Recife) e Coletivo Força Tururu (Paulista). Metodologicamente, o trabalho se organiza por meio de uma revisão bibliográfica, além da observação e análise etnográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Inovação; Periferia; Comunicação, Aprendizagem, Experiência

1. Introdução

A produção comunicacional se difundiu consideravelmente à medida que tecnologias da informação e comunicação se popularizaram. Através da internet e de smartphones conectados, mais pessoas tiveram acesso e chances de produzir conteúdos na forma de vídeos, fotos, texto, formando narrativas em diferentes plataformas por atores muito variados: coletivos de cultura, associações de bairro, grupos de pressão política, clubes de jovens, entre outros.

O contexto dessa variedade é amparado pela pesquisa TIC Domicílios 2019, que mostra 133,8 milhões de usuários brasileiros de Internet em 2019, ou seja, 74% da população. Segundo a pesquisa, o acesso nas zonas rurais é de 53% e na área urbana é 77%. Para

¹ Trabalho submetido ao IJ 06 - Interfaces Comunicacionais, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: joao.2019110473@unicap.br, estudante do PIBIC.

³ Doutor em Sociologia, professor do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: lula.pinto@unicap.br, orientador deste trabalho.

termos uma ideia do crescimento do uso da grande rede, em 2008 esse número era de 34%. Um aumento de 40% em 11 anos.

Os números não comunicam, entretanto, os processos de apropriação e os impactos comunitários que ocorrem em função dos usos que se passa a fazer de dispositivos, plataformas, softwares e das dinâmicas das redes. Há um processo de aprendizado não escolar com tais recursos em andamento que tem gerado conhecimento de maneira periférica.

Alguns termos tem sido usados para se referir a essas práticas de criar, recriar e trocar conhecimentos de forma colaborativa e participativa (WENGER, 2015). Comunidades Educativas, Comunidades Aprendentes, Comunidades Interpretativas, Comunidades de Prática, Redes de Conhecimento, Círculos de Cultura, Coletivos de Cultura, são algumas das denominações para formas de organização que podem acontecer localmente – como é o caso dos grupos analisados neste trabalho. Mas que também podem eventualmente ocorrer, regional ou mesmo internacionalmente.

O trabalho que gerou esse artigo procurou, portanto, contribuir com a identificação de experiências coletivas e inovadoras de aprendizado com TICs e produção de narrativas que são desenvolvidas em periferias de cidades do Grande Recife a partir de processos de ressignificação de tecnologias digitais em rede realizadas pelos grupos Coletivo Fruto de Favela (no município de Paulista), a Livroteca Brincate do Pina (Recife) e o coletivo Força Tururu (Paulista).

A identificação de tais elementos de aprendizado em rede e não escolares pode contribuir para a sistematização de caminhos pedagógicos com mídias a partir de outras racionalidades, outras afetividades, modos de pensar não dicotomizados, transdisciplinares, indisciplinados e insubmissos. A construção de uma proposta pedagógica a partir da coleta de tais experiências de aprendizado faz parte de uma etapa posterior da pesquisa em andamento.

2. Pontos de partida

É nesse sentido que procuramos realizar, de forma não exaustiva, uma revisão bibliográfica que pudesse contemplar a posição psicológica, cultural e histórica de

populações periféricas. Considerou-se que essa tarefa exige uma abordagem afrocentrada (NASCIMENTO, 2013), combinada ao um entendimento do legado colonial (colonialidade) na realidade dessas populações.

Por isso, a aproximação com o tema nos também levou a um estudo sistemático da colonialidade a partir dos textos “Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos”, de Edgardo Lander (2005) e “Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano”, de Grada Kilomba (2020). Os trabalhos revelam o tamanho da influência europeia na cultura mundial, em fenômenos diferentes - Lander trata da naturalização das formas de produção de conhecimento e compreensão do mundo social; já Kilomba desenha os processos psíquicos que embasam o racismo.

As duas reflexões contribuem para a compreensão de como a História é percebida a partir da noção de progresso, o que acaba levando à hierarquização cultural dos diferentes povos e aos processos de silenciamento e apagamento. Pensar que o auge cultural da evolução social mundial é caracterizado pelo desenvolvimento da cultura europeia, é aceitar o eurocentrismo. Os textos comunicam, de forma geral, que o modelo econômico e cultural preponderante no Ocidente de hoje foi instaurado por força bruta, através de uma aculturação destrutiva e de processos de apagamentos muito amplos: linguagens, cosmologias, epistemologias e pedagogias.

Se, por um lado, a difusão de uso e de acesso de tecnologias da informação e comunicação aumentam as possibilidades para contrariar tais processos de apagamento, por parte de populações herdeiras do processo colonial (afrodescendentes e população ameríndia), também demanda processos de aprendizado massivos – muitos deles, realizados de forma não escolar, a partir das chamadas comunidades de práticas – como já sugerido.

Esses grupos que criam, recriam e trocam conhecimentos de forma participada e colaborativa têm em comum uma comunidade e uma prática, vivenciada entre poucas ou muitas pessoas que se aliam em torno do “comum”, de valores, compromissos e objetivos compartilhados. Essas comunidades podem emergir dentro de uma

organização, outras são compostas por elementos de várias organizações, e outras prescindem de qualquer institucionalização, mas todas têm em comum o objetivo de aprenderem em conjunto e o desenvolvimento de um saber-fazer compartilhado(WENGER, 2015).

Uma abordagem afrocentrada oferece recursos interessantes para lidar com tais contextos e protagonismos. A afrocentricidade é definida como um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (NASCIMENTO, 2013). Dessa forma, para um projeto ser afrocêntrico é preciso cumprir certos requisitos. São eles: interesse pela localização psicológica, e por localização entende-se como um lugar psicológico, cultural, histórico e individual ocupado por uma pessoa em um dado momento da história (NASCIMENTO, 2013); existir o comprometimento com o entendimento do lugar africano como sujeito; defender os componentes culturais da África; resignificação e refinamento léxico e, por fim, um compromisso com uma nova forma de entender a história da África. É necessário observar que o sujeito africano, nesse caso, se refere às pessoas negras ou pardas. É um entendimento que considera a diáspora africana a partir do final do século XVI por força do empreendimento colonial nas Américas, principalmente.

A busca por essa referência afrocentrada para processos de ensino aprendizagem com tecnologias da informação e comunicação se justifica, assim, pela necessidade de encontrar formas de associar os modelos de aprendizado desenvolvidos pela experiência de produção dos grupos analisados e uma proposta pedagógica de aprendizado com mídias.

A procura por referenciais teóricos que nos permitissem um compreensão dos aprendizados pela experiência desenvolvidos pelos grupos periféricos nos aproximou do conceito de Pedagogia da Encrizilhada (RUFINO, 2019). Essa abordagem articula elementos afrocentrados - e portanto permite focar a formulação posterior de processos pedagógicos nos sujeitos da diáspora negra - , bem como permite processos de identificação entre as práticas de tais sujeitos e propostas de aprendizado com mídias.

A Encruzilhada é não só o local de oferendas ou um arranjo arquitetônico, mas também uma alegoria para o cruzamento de compreensões, de práticas e de caminhos metodológicos. Assim, esta perspectiva pedagógica quebra a lógica de uma forma única de aprender, a partir da compreensão racionalista e aposta na relação (GLISSANT, 2011).

As reflexões de Luiz Rufino tocam em em três pontos importantes para essa pesquisa: o primeiro é a defesa de que a problemática da política do conhecimento é também étnico-racial; o segundo é o fortalecimento de um modo de educação intercultural e o terceiro são as elaborações de pedagogias decoloniais. É possível traçar um paralelo entre a Pedagogia da Encruzilhada com métodos comunicacionais, levando essas três características como base de criação.

3. Aspectos netnográficos

Um dos elementos metodológicos para observação e análise das formas de organização, aprendizado coletivo e produção de conteúdos das Comunidades de práticas é a Netnografia. Esse importante recurso metodológico consiste na inserção do pesquisador no contexto que se espera estudar, a fim de que se aproxime das experiências e circunstâncias exclusivas das comunidades que se tem interesse.

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.(ROCHA; ECKERT, 2008)

No contexto da produção deste trabalho, a aproximação presencial a esses grupos foi impossibilitada pela pandemia causada pelo vírus Sars-cov-2. Visto que a aproximação física aumenta as chances de contágio pela COVID-19, foi preciso priorizar a saúde tanto dos pesquisadores como de todos os outros indivíduos envolvidos. Portanto, utilizou-se o estudo netnográfico, um braço da Etnografia, porém se baseia na observação dos conteúdos disponibilizados em redes sociais, sites e canais de vídeo.

Destaca-se que os métodos etnográfico e netnográfico são, também, caminhos de análises mais subjetivas do que objetivas, visto que a coleta de dados é particular a cada meio e a cada pesquisador inserido no particular contexto estudado. A importância deste método está na observação *de perto e de dentro* do objeto, o que permite a percepção de aspectos diversos àqueles notados pelo pesquisador que observa de um local exterior, ou seja, *de fora e de longe* (MAGNANI, 2002).

Assim, a coleta de informações consistiu na observação e análise das interações sociais, criação de conteúdo e nos elementos de ensino aprendizagem que se pôde perceber nos ambientes virtuais das Comunidades de Aprendizado Fruto da Favela, da organização comunitária Livroteca Brincante do Pina e do Coletivo Força Tururu. Os três são de grande relevância para este estudo, uma vez que funcionam como canais internos de comunicação de algumas comunidades periféricas do Grande Recife, como também fontes de informação para a população externa a essas comunidades.

O mapeamento produzido a partir dessa abordagem metodológica foi baseado na análise, investigação e registro de cinco aspectos: geografia de alcance, endereço digital, ações da plataforma, referências étnicas, culturais e políticas e o processo de aprendizagem. A geografia de alcance faz referência ao espaço físico da sede ou núcleos onde se concentram as plataformas e coletivos, tanto quanto suas áreas de atuação na cidade. O endereço digital é a junção dos *links* das redes sociais e páginas na internet, assim como endereços de email para contato. Além de qualquer outro endereço eletrônico relevante para a plataforma, como o *link* para um podcast, por exemplo. Por ações da plataforma, referimo-nos às iniciativas e práticas do projeto em questão. Por exemplo, o projeto Fruto da Favela tem a iniciativa chamada Frutificar, que é um programa de qualificação para ensinar jovens do bairro de Maranguape I quanto ao uso de tecnologias para impactar sua própria comunidade e auxiliar o planejamento de vida desses jovens. O programa piloto conta com um grupo de doze jovens em situação de vulnerabilidade social.

O quarto aspecto são as referências de natureza étnica, cultural e política. Este ponto se baseia nas perspectivas teóricas em que o projeto se baseia. Referências como por exemplo: discurso anti racista, feminismo, linguagem inclusiva, igualdade social e economia solidária. Por último, temos o processo de aprendizagem. Este significa o método e iniciativas do projeto estudado quanto ao incentivo e promoção da educação.

4. Resultados e Discussão

O estudo netnográfico feito com os grupos Fruto da Favela, Livroteca Brincante do Pina e Coletivo Força Tururu permitiu o recolhimento e análise de várias informações. De início, as informações são esquematizadas nos quadros abaixo e em seguida será feita a análise de cada grupo.

4.1 Quadros

INICIATIVA	ENDEREÇOS DIGITAIS	AÇÕES
1. Fruto De Favela (FDF)	<p>Instagram: https://www.instagram.com/frutodefavela/</p> <p>Facebook: https://www.facebook.com/frutodefavela/</p> <p>YouTube: https://www.youtube.com/channel/UCktpXAZ57CBCByUvIGn7IYw/featured</p> <p>Linkedin: https://www.linkedin.com/company/fruto-de-favela/</p> <p>E-mail: frutodefavela@gmail.com</p>	<p>Promoção de iniciativas sociais a partir de inovações tecnológicas, a exemplo do projeto “Feira do Futuro”, que buscou resolver problemas reais da comunidade com tecnologia e visão de futuro, ao mesmo tempo que impulsiona e inclui a juventude; visitas e eventos educativos para a juventude da região, como o bate papo educativo “Quem sou eu amanhã?”, que tem o diálogo com os adolescentes sobre o futuro, como objetivo principal; exposição e interação social através das redes sociais como Instagram e YouTube, por onde mostram e registram as atividades do projeto; promoção de palestras educativas e inspiracionais, conteúdo digital para conscientização social, política e de saúde; parceria com outros projetos, como o Coletivo Garimpo e Grupo de Mulheres do Brasil para promoção de eventos, oficinas e cursos, como a Oficina de Literatura Marginal, campanhas de conscientização sobre a COVID 19 e o MovGuape, um curso com o objetivo de aperfeiçoar os</p>

		<p>pequenos negócios dirigidos por jovens empreendedores; campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos e livros na comunidade; projeto Frutificar, uma iniciativa de qualificação para ensinar jovens do bairro de Maranguape I quanto ao uso de tecnologias para impactar sua própria comunidade e auxiliar o planejamento de vida desses jovens. Brega Protesto: produção musical audiovisual com proposta educativa e de conscientização, tanto de cunho social e político, como também no âmbito da saúde;</p>
<p>2. Livroteca Brincante do Pina (LBP)</p>	<p>Blog: http://www.livrotecabrincantedopina.siteo.one/ Instagram: https://www.instagram.com/livrotecabrincantedopina/?hl=pt-br Facebook: https://www.facebook.com/LivrotecaBrincanteDoPina/ YouTube: https://www.youtube.com/LivrotecaBrincanteDoPina E-mail: livrotecab@gmail.com</p>	<p>Aulas de: canto; desenho gráfico; música; vídeo; contação de histórias; criação, ilustração e pintura de histórias; espanhol; oficina de reciclagem; projetos e atividades culturais como: Exibição de vídeos educativos; Empréstimo de obras; Leituras Compartilhadas; Leitura em Movimento; Rodas de conversa; Rodas de leitura e poesia; Saraus; Visitas aos hospitais e presídios através da leitura; Visitas aos teatros e museus; Projeto Recycle - arrecadação de alimentos semanal e aproveitamento de alimentos perecíveis para alimentar centenas de crianças; Promoção de Campanhas com cunho social: Corona nas Periferias (campanha de arrecadação de alimentos, água álcool 70%, sabão, detergente neutro e máscaras para a comunidade do Bode); Minha Casa Vai Cair (arrecadação para manutenção coletiva de palafitas e demais moradias precarizadas da Comunidade do Bode); Disponibilização e produção de conteúdo audiovisual, muitas vezes em parceria com outras plataformas, como a Marco Zero Conteúdo e Vislumbra Filmes, por exemplo; Rádio Comunitária Rádio de Andada A voz da Lama que trabalha com o intuito de informar a Comunidade do Bode sobre</p>

		diversos temas como saúde, política, alimentação, políticas de drogas e pesca, sempre mesclando com música e poesia.
3. Coletivo Força Tururu (CFT)	<p>Blog: https://coletivoforcatururu.blogspot.com/?m=1</p> <p>Instagram: https://www.instagram.com/coletivo_tururu/</p> <p>Facebook: https://www.facebook.com/ColetivoForcaTururu/</p> <p>YouTube: https://www.youtube.com/user/eusoucoletivo/videos</p> <p>Email: coletivotururu@gmail.com</p>	<p>Produção de conteúdo jornalístico como entrevistas, notícias, pesquisas e reportagens; Ecoar Vozes: projeto de formação de comunicadores através da organização de produtos comunicacionais como vídeos e fotografias. Projeto em parceria com o Coletivo Elas Q Fazem, Ong Fase e Coletivo Poupança Comunitária; Editais culturais para incentivar, promover artistas musicais femininas; A Gente tem fome: campanha de arrecadação de alimentos e capital para doação para a população mais carente da Comunidade do Tururu; Curso de Comunicação e Marketing Digital promovido pelo coletivo com parceria do Paço do Frevo; Colorindo o Tururu com árvores: projeto ecológico que promove o plantio de árvores nativas da Mata Atlântica enquanto homenageia moradores da comunidade, visto que este morador tem seu projeto/negócio promovido nas redes sociais e recebe a muda da árvore para plantar e cuidar; Conexões com outros coletivos e comunidades para troca e homenagem cultural e midiática; Voto de Resposta: campanha social para promover o pensamento crítico e reflexão/conscientização política.</p>

4.2 Análises individuais

Fruto De Favela (FDF)

O Fruto de Favela tem sua sede e principal área de atuação na cidade de Paulista, no bairro de Maranguape I e na comunidade do Jacaré. É um grupo fundamentado na inclusão educativa, comunicacional e tecnológica, com uma acentuada atenção às juventudes. Trabalha com alicerces anti racistas, de inclusão social, feministas, educacionais e de incentivo à profissionalização e ao empreendedorismo.

O processo de aprendizagem é baseado em oficinas, cursos, palestras, postagens educacionais, produção audiovisual e conversas educativas. A exemplo de projetos como o Frutificar, que é uma iniciativa de qualificação tecnológica; o Feira do Futuro, uma iniciativa para resolução de problemas a partir do uso de tecnologias e o MovGuape, um curso para aperfeiçoamento de pequenos empreendedores jovens. Além disso, são produzidas publicações educativas nas redes sociais.

O FDF tem uma presença digital limitada, porém bastante significativa. O grupo está presente no Instagram, Twitter, Youtube e LinkedIn. O destaque vai para o primeiro, onde as postagens, embora pouco regulares, são extremamente relevantes. Em sua maior parte, são feitas para atualizar a comunidade dos trabalhos do grupo. A rede virtual é bastante organizada e planejada, com postagens em linguagem acessível e com isso parece procurar se conectar com os usuários de maneira mais subjetiva. Utiliza-se termos como “Vamos frutificar juntos” no fim das descrições dos conteúdos, o que mostra um cuidado na relação com os seguidores. No Instagram em 2021, até o dia 06 de Julho, foram publicadas 16 postagens, o que representa uma média de 0,61 postagens por semana. No Twitter e Youtube não é muito diferente, as postagens são escassas, embora o Youtube seja um meio efetivo de divulgação da produção multimídia.

O destaque da FDF vai para a diversidade e qualidade de suas ações. A exemplo do movimento “Brega Protesto”, que é a utilização do brega funk, um gênero musical bastante presente na cultura pernambucana atual, de maneira a educar, conscientizar e cobrar do poder público. Foi produzido um clipe musical intitulado “Xô Corona”, feito para clarificar a importância da higiene para prevenção do novo coronavírus. O videoclipe tem mais de 7 mil visualizações no Youtube. No post de divulgação do vídeo, o grupo deixa claro que o foco deste trabalho é alcançar especificamente as pessoas mais jovens, portanto a importância desse projeto está na ligação entre cultura popular com pensamento crítico e disseminação de conhecimento.

Outra ação de destaque é o projeto “Frutificar”, um programa de qualificação tecnológica que visa impactar o projeto de vida dos jovens de Maranguape I e na comunidade do Jacaré e desenvolvê-los intelectualmente. Esta iniciativa contou com a

parceria da empresa de consultoria digital Thoughtworks Brasil e do Comitê Mundo Digital do Grupo Mulheres do Brasil Núcleo Recife, e buscou especificamente incentivar a busca por soluções tecnológicas eficazes para a região. Além dos projetos supracitados, o FDF elabora constantemente postagens educativas, sobre racismo e feminismo por exemplo, e ações de apoio social como arrecadação de cestas básicas para a comunidade e kits educativos com livros infantis, materiais para colorir, brinquedos e materiais didáticos sobre o combate ao Covid-19 para as crianças.

Assim, o Fruto de Favela é um grupo atento a questões sociais como racismo e o direito à igualdade de gênero, e deixa claro que apoia as lutas por inclusão. É um projeto ativo no âmbito político e social, que busca sempre atualizar a comunidade que representa de seus trabalhos e oportunidades, além de trabalhar com maestria a comunicação educativa.

Livroteca Brincante Do Pina (LBP)

A Livroteca Brincante do Pina se autointitula um “projeto de incentivo à leitura, integração artística, cultural e ambiental que tem como base uma biblioteca comunitária”. Nasceu em 1995 e tem sua sede e zona de atuação na zona sul do Recife, no bairro do Pina, na Comunidade do Bode. É um projeto centrado na comunicação e conscientização popular, incentivo à leitura e se baseia o discurso e as atividades nas necessidades econômicas e sociais da comunidade. A ideologia do grupo tem como alicerce a integração cultural, ambiental e artística, sempre expondo noções anti racistas, de conscientização política, saúde pública, educação e questões de gênero e sexualidade.

A maior estratégia de aprendizagem é através de aulas e oficinas, a partir de iniciativas de cunho artístico. A exemplo de aulas de canto, música, ilustração e atividades culturais como rodas de leitura, poesia e saraus. Toda a LBP trabalha com o objetivo de educar, comunicar e conscientizar sobre racismo, política, violência policial, saúde pessoal e sexual, feminismo, habilidades profissionais e artísticas. Além disso, são planejadas diversas oficinas, como a 1º Semana de Formação da Livroteca Brincante do Pina, um projeto de qualificação social apoiado pelo Portal da Cultura Pernambucana. Este projeto contou com as oficinas: encadernação artesanal, manutenção do acervo de

bibliotecas, oficina de percussão, poesia cantada, contação de histórias, dança, artesanato, circo e graffiti. Ademais, a rádio Andada A voz da Lama tem incorporada em sua programação diversos blocos educativos.

Entre as várias iniciativas comunicacionais do projeto, a Rádio Comunitária Rádio de Andada - A voz da Lama foi um dos projetos de grande evidência. Trata-se de um programa de mídia sonora que trabalha temas como saúde pública e sexual, política, políticas de drogas e pesca. Há uma forte integração entre educação e cultura, uma vez que na programação constam produtos de música e poesia. Ademais, a transmissão do programa é feita de duas maneiras. A primeira é digitalmente, através de plataformas de streaming de áudio como o Spotify. A segunda é de maneira móvel com uma caixa de som montada em uma bicicleta para ser guiada pela comunidade do Bode, ou através de uma pequena embarcação chamada baiteira que navega os manguezais da comunidade.

A LBP tem um forte planejamento de mídias sociais e presença digital. Está presente no Instagram, Facebook, Youtube e possui um site próprio. No Instagram em 2021, até o dia 09 de Julho, foram feitas 57 publicações, o que corresponde a uma média de cerca de 2,1 postagens por semana. É evidente o cuidado e preparação, uma vez que há uma variedade de temas e espaçamento temporal curto e bem distribuído entre os conteúdos publicados. Vale destacar o *blog* da LBP, já que é um site com layout bem estruturado, o que mostra o cuidado com a imagem passada nas redes e cuidado para os usuários navegarem fluidamente pelos conteúdos.

Portanto, a Livroteca Brincante do Pina é um projeto bastante amplo com várias frentes e preocupações. No processo de aprendizagem promove maneiras educacionais e qualitativas para crianças e adolescentes, além de oferecer um acompanhamento escolar. Contribui imensamente com o incentivo à leitura e produção artística, processos imperativos no desenvolvimento social- econômico da comunidade. Como processo de comunicação, abraça a responsabilidade social por promover informações de qualidade e o melhoramento tanto pessoal como coletivo, através de consciência de classe, da misoginia, do racismo e da saúde, evidente nas redes e produtos audiovisuais.

Coletivo Força Tururu (CFT)

O Coletivo Força Tururu se autodenomina um grupo de “Comunicação Popular e Comunitária” e tem como sede e local de principal atividade a comunidade do Tururu, na cidade de Paulista, na Grande Recife. Mas também promove atividades em outros municípios, como Olinda e União dos Palmares, em Alagoas. O alicerce ideológico do CFT consiste na promoção comunicacional popular, através de projetos que evidenciam o feminino, inclusão social através de cursos e formações, cuidado ecológico e discurso político/social anti racista em suas produções informativas e opinativas.

O CFT está presente no Instagram, Facebook, Youtube e também possui um site próprio. Até o dia 10 de Julho de 2021 foram publicadas no Instagram 112 postagens, o que corresponde a uma média de 4,15 postagens semanais, ou seja, minimamente a cada dois dias da semana há algum conteúdo novo na página do coletivo.

O coletivo promove diversos cursos que qualificam a comunidade, como o Curso de Comunicação e Marketing Digital em parceria com o Paço do Frevo; o Ecoar Vozes, que forma grupos comunicacionais e o Voto de Resposta, que visa a conscientização quanto à importância do voto bem pensado, da educação política na luta contra a compra de voto. O projeto “Ecoar Vozes” merece ser observado com atenção. É uma iniciativa para formação de novos comunicadores voltados para a comunidade e que trabalhem para se relacionar, trocar experiências e fortalecer as comunidades pobres da região metropolitana do Recife, que comporta 15 municípios, entre eles Jaboatão dos Guararapes, Recife, Olinda, Paulista e Recife. A formação de comunicadores segue os seguintes passos: uma busca e observação de uma comunidade onde o curso possa ser implementado e que seja bem recebido. Em seguida é estabelecido um diálogo com o grupos que atuam na comunidade escolhida, para atuação conjunta. É uma atividade importante para o estabelecimento de novas relações e trocas entre integrantes das comunidades.

Outro ponto que merece evidência são os editais culturais “Canta para a Vida”. O projeto funciona para promover e divulgar mulheres cantoras e compositoras da região metropolitana do Recife. Em 2021 irá acontecer a segunda edição deste projeto. No ano

de 2020, quando aconteceu a primeira edição, foram 20 mulheres inscritas e a vencedora recebeu o valor de 300 reais, além de ter sua música e videoclipe gravados e divulgados pelo coletivo em suas redes sociais. Esta ação evidencia a preocupação com o preconceito de gênero, uma vez que busca destacar especificamente o grupo feminino.

5. Considerações finais

Percebe-se intrínsecas referências afrocêntricas e decoloniais nas atividades e metodologias das comunidades de práticas discutidos nesse texto. Tais elementos se refletem nos conteúdos analisados. A base de tais atividades, metodologias e conteúdos segue uma lógica de relação, de partilha e de encontro que é fortalecida pelo uso criativo das tecnologias da informação e comunicação. Os usos são alimentados por procedimentos convencionais de gestão de redes, gravação, produção de textos, gravação de áudio e vídeo e sua veiculação. Mas há também uma dimensão de improvisado, de maleabilidade que aparecem pressionados por contextos de precariedade estrutural e amparados por referências ancestrais.

Entre tais referências, podemos mencionar a forte articulação comunitária, um entendimento de que “estamos por nós”, que não é mais possível contar com o governo. Nesse sentido, são evidentes as referências às práticas quilombistas, ao hábito de recolher-se em comunidade para definir conjuntamente o que e como fazer. Essa linha estratégica e tática se reflete nos caminhos metodológicos de produção de conteúdos e não implica numa negação peremptória a possíveis parcerias “com o mundo do asfalto”.

No livro *Cosmopoéticas do Refúgio*, o autor menciona que é pelo viés de práticas culturais tais como as comunhões místicas e festivas das macumbas os torneios verbais nas noites em que se contam histórias, as variações criadoras das falas crioulas e negro speeches que as escravas e os escravos conquistam espaços de liberdade, até mesmo no seio das plantations (BONA, 2020, p.39)

O Fruto de Favela, a Livroteca Brincante do Pina e o Coletivo Força Tururu convergiram seus esforços para a utilização dos meios tecnológicos a fim de sanar, resolver ou mitigar os desafios e barreiras presentes em suas respectivas comunidades.

Todos trabalham partindo de um ponto comum: a invisibilidade social oriunda de preconceitos raciais, de gênero e econômico. Nessa medida, procuram promover a disseminação de informação acessível em suas zonas de atividade, buscando aprimorar a qualidade de vida de seus membros.

O FDV trabalha com fortes referências culturais próprias, e busca relacionar essa base com aperfeiçoamento tecnológico dos membros da comunidade, em especial do público jovem, o que mostra uma forte preocupação não só com o bem estar social atual, como o do futuro da comunidade também. A LBP atua de maneira a incentivar a leitura, alfabetização e cultura popular, buscando alcançar um espaço social justo para sua comunidade, assim como espalhar conhecimento e revigorar a mobilização e conscientização das desigualdades sociais. Por fim, o CFT, da mesma maneira que os outros coletivos, tem seu alicerce trabalhado nos povos originários e africanos, e promove projetos de qualificação pessoal, profissional e comunitária, além de enfatizar a importância do espaço das mulheres negras na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do Refúgio*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2020.
- GLISSANT, Edouard. **Poética da Relação**. Porto: Porto Editora, 2011.
- LANDER, Edgardo. **Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntrico**, in.: LANDER, Edgardo (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. CLACSO Editorial, Buenos Aires: 2000.
- LAROSSA, Jorge. **Tremores – Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1ª edição. Editora Cobogó, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**, São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- MESQUITA, Rui Gomes de M.; TAVARES, Mauricio Antunes. **Nós para atar e desatar: relações entre educação e cultura**. Recife: Ed. UFPE, 2019.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2019.
- WENGER, Etienne y Beverly. *Comunidades de prática: una breve introducción*. Disponível em <https://bit.ly/3iFdZLd>, mar 2021.